

TRAMAS E NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS PARA CONTINUAR AMADO

Márcia Rios da Silva (UNEB)

RESUMO: Esta comunicação tem como objetivo apresentar uma reflexão preliminar acerca das estratégias atuais de divulgação dos romances de Jorge Amado para a manutenção de sua recepção de público. Toma-se como ponto de partida o momento em que a produção literária do escritor passa a ser publicada por outra casa editorial a partir de 2008. Em tal reflexão considera-se o contexto contemporâneo, marcado pela expansão de meios e mediações (BARBERO, 2001) na divulgação de produções artísticas e literárias, particularmente com a ampliação das plataformas digitais, que impõe um redimensionamento da “partilha do sensível” (RANCIÈRE, 2009).

Palavras-chave: Recepção. Contemporaneidade. Jorge Amado

No verão de 2015, em uma de minhas idas à Fundação Casa de Jorge Amado, presencio o momento em que uma jovem turista, falando bem o português, aproxima-se da escritora Myriam Fraga, diretora-executiva da casa, para entregar-lhe um exemplar do romance *Seara vermelha*, traduzido para o esloveno. Essa leitora de um pequeno país do Leste Europeu, a Eslovênia – que já passou pela experiência do comunismo –, dizia-se orgulhosa com aquela doação ao acervo da Fundação, pelo fato de Jorge Amado ter sido traduzido em sua língua. O gesto da leitora testemunha a longa e rica trajetória literária e intelectual de um escritor que teve um alcance extraordinário de público.

Nesse extenso percurso, as narrativas amadianas foram transpostas para outras linguagens, como peças teatrais, quadrinhos, novelas de rádio, filmes e telenovelas, em sua maioria artes da cultura massiva. Com esses processos de adaptação, retira-se da literatura desse escritor uma suposta aura de objeto sacralizado ou elitizado. Empregando uma linguagem com alto grau de comunicabilidade, Amado atingiu um público ampliado, a despeito das severas críticas que recebeu. Em diferentes momentos, agentes do campo intelectual, incluindo-se aí os da crítica literária, desqualificaram suas

narrativas por empregar uma linguagem sem sofisticação ou por Amado ter se rendido ao mercado, tornando-se um escritor comercial. Ainda, o romancista vê-se questionado por trazer em suas histórias representações estereotipadas acerca das mulheres e dos negros.

O sucesso de público de Amado resultou de um incessante trabalho de divulgação de suas produções, a ser sempre cultivado, sob pena de ver-se retraída a recepção de uma obra literária, particularmente no contexto contemporâneo, em que a consolidação do mercado editorial e a profissionalização da atividade literária contribuíram para o surgimento de novos escritores, aumentando o número de publicações. Acrescente-se aí a emergência das plataformas digitais, responsáveis pela democratização da literatura, no âmbito da produção, divulgação e recepção. É nesse contexto que a editora Companhia das Letras reedita as obras do escritor baiano.

Em 2008, essa casa editorial lança a Coleção Jorge Amado, projeto editorial arrojado, sob a coordenação de Lilia Schwarcz, antropóloga e historiadora, e Alberto da Costa e Silva, também historiador¹. Trata-se de uma iniciativa para a qual a editora recorreu não só às estratégias convencionais da chamada industrial cultural na comercialização dos livros, como valeu-se do campo da produção erudita para endossar o valor de uma produção já há muito conhecida, dando-lhe agora nova roupagem. Embalados em esmerada edição, de feição gráfica padronizada, os livros da Coleção, de custo relativamente alto, trazem nas capas, com destaque, em caixa alta, o nome do autor, Jorge Amado, em letras brancas, contrastando com a cor escura do fundo, enquanto o título do romance fica em segundo plano.² Assim, ganha relevo o nome próprio, precisamente uma assinatura, antes desprendido do referente, a obra, agora evocado para colar-se às suas narrativas.

Merecem destaque na Coleção Jorge Amado os posfácios para cada livro, à exceção de *Hora da guerra*, com prefácio do historiador Boris Fausto, em 1ª. edição, lançada em 2008, reunindo uma seleção de textos inéditos, crônicas publicadas pelo escritor, entre 1942 e 1945, na coluna “Hora da guerra” do jornal *O imparcial*, de

¹ Ambos, docentes da Universidade de São Paulo. A coleção recebeu consultoria de Ilana Seltzer Goldstein, docente da USP.

² Exceção feita aos livros menos conhecidos do escritor, particularmente os infanto-juvenis.

Salvador. Assinam os posfácios autores de nome reconhecido no campo intelectual e erudito, a saber, professores universitários, pesquisadores, jornalistas, majoritariamente do sudeste do país, e escritores, alguns estrangeiros, como os portugueses José Saramago, Miguel Sousa Tavares e o moçambicano Mia Couto.³ Ressalte-se que uma geração de escritores de países africanos de língua portuguesa sempre louvou a importância de Jorge Amado na formação intelectual deles.

Como se pode entender, sendo Amado um escritor já muito conhecido por suas publicações, perde-se aqui a função do prefácio, texto que tem por finalidade apresentar um autor e sua obra. Como destaca Sayonara Amaral de Oliveira (2012), Jorge Amado foi um exímio prefaciador, dos próprios romances para apresentá-los aos leitores e de textos de escritores iniciantes, na condição de convidado. Em relação aos referidos posfácios, para romances de um escritor que há muito tempo obteve um reconhecimento, sobretudo por uma anônima comunidade de leitores, tem-se a intenção de valorar uma produção literária que foi afetada por critérios que regem a cultura massiva: alta vendagem, visando ao lucro, e linguagem simples, buscando alcançar um público leitor numeroso.

Com os posfácios, intenta-se corroborar o valor desse romancista junto ao meio erudito e universitário, campo no qual a prosa amadiana não obteve consenso, particularmente pelos cultores da arte pela arte, que acusavam Jorge Amado de ser um escritor comercial, por sua adesão às práticas da chamada cultura massiva. Destaquem-se aqui, como momento de guinada da crítica no âmbito institucional, os Projetos de Pesquisa *Dossiê Jorge Amado: intelectuais em diálogo (ago/1995 a jul/1999)* e *Acervo*

³ Assinam os posfácios: *O país do carnaval*, José Castello; *Cacau*, José de Souza Martins; *Capitães da areia*, Milton Hatoum (também na edição de bolso); *Mar morto*, Ana Maria Machado (na edição de bolso ainda); *São Jorge dos Ilhéus*, Antonio Sérgio Guimarães; *Terras do sem-fim*, Miguel Sousa Tavares; *Suor*, Luiz Gustavo Freitas Rossi; *Tocaia Grande*, Mia Couto; *Bahia de todos os santos; guia de ruas e mistérios*, Paloma Amado; *O menino grapiúna*, Moacyr Scliar; *O compadre de Ogum*, Reginaldo Prandi; *Jubiabá*, Antônio Dimas; *ABC de Castro Alves*, Alberto da Costa e Silva; *Seara vermelha*, Nelson Pereira dos Santos (fez o filme); *Os subterrâneos da liberdade*, Daniel Aarão Reis; *Gabriela, cravo e canela*, José Paulo Paes; *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, Affonso Romano de Sant'Anna; *Os velhos marinheiros ou O capitão-de-longo-curso*, Fábio Lucas; *Os pastores da noite*, Zuenir Ventura; *Dona Flor e seus dois maridos*, Roberto DaMatta; *Tenda dos Milagres*, João José Reis; *Tereza Batista cansada de guerra*, Lygia Fagundes Telles; *O gato malhado e a andorinha Sinhá*, Tatiana Belinky e João Jorge Amado; *Tieta do Agreste*, Lilia Moritz Schwarcz; *Farda, fardão, camisola de dormir*, Alberto da Costa e Silva; *O milagre dos pássaros*, Ana Miranda; *O sumiço da santa*, Yvonne Maggie; *Navegação de cabotagem*, Lêdo Ivo; *A descoberta da América pelos turcos*, José Saramago.

Jorge Amado: as surpreendentes faces e falas do leitor (ago/1997 a jul/1999), coordenados por Eneida Leal Cunha na Universidade Federal da Bahia, com apoio do CNPq. Sob um olhar renovador propiciado pelos estudos contemporâneos de cultura, tais projetos trazem novas perspectivas de análise da produção amadiana.

Ao buscar assinaturas de agentes do campo acadêmico e erudito, a editora atualiza formas de aproximação com o público leitor, reduzindo a distância, estabelecida pela elite cultural, entre o erudito e o popular-massivo. Nos termos de Pierre Bourdieu, o campo de produção erudita se firmou no contraponto com o campo da indústria cultural. Para o sociólogo francês, a expansão da produção e a circulação dos bens simbólicos nas sociedades modernas capitalistas, aliadas a um crescente público consumidor, orienta o campo erudito para que cultive e mantenha seus capitais culturais intrínsecos e exclusivos às suas próprias leis. Isso se deve ao fato desse campo se estruturar com um corpo de agentes especializados – escritores, artistas, críticos e promotores culturais –, profissionais qualificados para selecionar e validar as produções literárias e definir os princípios e critérios do campo. Essa organização, marcando uma institucionalização da literatura, resulta na distância da arte moderna em relação ao público. (Bourdieu, 2002).⁴

Em paralelo a esse campo, situa-se o de produção da indústria cultural e das artes tidas como populares ou comerciais. Para Bourdieu, no campo da produção erudita as obras se apresentam como algo inaugural e original, vindo a criar, posteriormente, a demanda do seu público seletivo. Assim, para conquistar novos leitores de Jorge Amado, a editora conta com a colaboração de admiradores seletivos do escritor quando da divulgação da Coleção. À época, foi feita uma campanha publicitária de peso, veiculada na TV, em jornais, revistas e sites na Internet. Em anúncios na televisão, com a chamada "Por que Jorge é amado," a campanha contou com depoimentos de Chico Buarque, José Saramago e Rubem Fonseca, representantes da alta cultura com

⁴ Para Bourdieu, o culto da “arte pela arte” e o funcionamento do campo de produção erudita são regidos pelos critérios de autossuficiência e especificidade, conforme interesses de seus agentes. As obras modernas ou experimentais são tidas como “puras” – demandando “imperativamente do receptor uma disposição propriamente estética” – e “esotéricas”, por sua “estrutura complexa que exige sempre a referência à história inteira das estruturas anteriores”, tornando-se “acessíveis apenas aos detentores do manejo prático ou teórico de um código refinado”. (Bourdieu, 2002, p. 117).

vendagem extraordinária de romances, os quais aparecem lendo um livro reeditado pela Coleção Jorge Amado e declaram sua admiração pelo escritor.⁵

Ainda para divulgar a coleção, a editora criou um *site*, incluindo um espaço para a opinião dos leitores. Ao clicar na imagem da capa de cada livro, tem-se um pequeno histórico do surgimento de determinado romance. Sucede esse histórico um trecho do posfácio, depois do qual tem-se a caixa “Opinião do leitor”. Aí solicita-se o nome do internauta leitor, a cidade onde reside, o endereço eletrônico, seguido de espaço para que ele emita a sua opinião. Em seguida, o leitor é convidado a indicar a obra (o que é opcional), devendo clicar em “recomendo” ou “não recomendo”. Nas pouquíssimas postagens feitas, os leitores comentam o romance lido.⁶

Em 2012, ano das comemorações dos cem anos do escritor, a Companhia das Letras criou o *blog* “Centenário de Jorge Amado”, para que o leitor acompanhasse “a programação de comemorações e homenagens, a vídeos exclusivos, gravados especialmente para o centenário, com alguns dos “principais momentos da vida e da obra de Jorge Amado”.⁷ Nesse mesmo ano, a editora lança uma caixa, intitulada “As mulheres de Jorge Amado”, em edição limitada, com quatro romances cujas personagens femininas obtiveram maior popularidade: *Tieta do agreste*, *Gabriela cravo e canela*, *Dona Flor e seus dois maridos* e *Tereza Batista cansada de guerra*.⁸

Tão logo deu início à publicação da referida Coleção, em 2008, a editora realizou um trabalho para chegar ao chão da escola – uma instituição potente na criação de demandas de leitura –, ofertando cursos aos professores do ensino médio e fundamental para trabalharem com a literatura de Jorge Amado. Essa empreitada chegou a algumas capitais do estado, como em Salvador, e cidades de médio porte, a exemplo de Ilhéus, na Bahia, com a realização de *workshop*, envolvendo professores da rede particular, pública estadual e municipal de ensino, visando tornarem-se

⁵ Campanha criada pela AlmapBBDO. Disponível em <http://www.vitrinepublicitaria.net/noticias-do-mercado/1403/18/3/2008/almapbbdo-divulga-reeditacao-das-obras-de-jorge-amado-pela-companhia-das-letras/>. Acesso em 23/04/2015.

⁶ Cf. <http://www.jorgeamado.com.br/>. Acesso em 23/04/2015.

⁷ Cf. <http://www.blogdacompanhia.com.br/tag/jorge-amado/>. Acesso em 23/04/2015.

⁸ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/1017786-caixa-com-edicao-limitada-reune-obras-com-as-mulheres-de-jorge-amado.shtml>. Acesso em 07/05/2015.

multiplicadores. Ministrado por técnicos da editora, o curso desenvolveu-se com palestra expositiva, leituras de trechos da obra de Jorge Amado, apresentação e realização de atividades de linguagem adequadas ao contexto escolar, como destacado pela reportagem de um jornal da cidade de Ilhéus.⁹ No curso, foi distribuído material de apoio, em uma sacola com pasta, lápis, *Cadernos de leitura*, uma cópia em DVD do documentário *Jorge Amado* (1995), realizado por João Moreira Salles, além do livro *Capitães da areia*.

Destaque-se aqui os dois cadernos de leitura, intitulados *A literatura de Jorge Amado* e *O universo de Jorge Amado*. Trata-se de um material impresso, com fotos e ilustrações, trazendo textos de colaboradores, depoimentos sobre o romancista, disponibilizado na internet, em PDF, para se fazer *download*.¹⁰ Ao final dos textos de cada caderno, os colaboradores sugerem leituras e atividades, ambas relacionadas à temática discutida. Esse material é apresentado aos professores como “mais uma iniciativa da Companhia das Letras para estreitar o contato com você que se dedica a despertar nas novas gerações a paixão pela leitura” (GOLDSTEIN, 2008, p. 7). Em ambos, estão listados todos os romances publicados pela editora e, ao final, encontra-se uma lista de distribuidores dessa casa editorial, presentes nos diferentes estados brasileiros.

O Caderno *A literatura de Jorge Amado* foi lançado em 2008. Com o subtítulo “orientações para o trabalho em sala de aula”, apresenta questões de língua e literatura, exploradas nos romances amadianos. No texto dirigido ao professor, destaca-se que em tal publicação se encontram “não só o rico universo narrativo do escritor como essa sociedade feita de igualdade mas também de muita desigualdade, os personagens ambivalentes, as separações de gênero que opõem o mundo patriarcal ao espaço do feminino, além de análises acerca da prosa saborosa desse literato que inventou, a partir de seus livros, um Brasil baiano”. (GOLDSTEIN, 2008, p. 7).

⁹ Disponível em <http://folhadapraia.com/index.php?pg=not%EDcia&id=2472>. Acesso em 06/06/2015.

¹⁰ Disponível em <http://www.jorgeamado.com.br/professores.php>. Acesso em 23/04/2015. Além de Jorge Amado, Lygia Fagundes Telles, Vinicius de Moraes, Érico Veríssimo e Carlos Drummond de Andrade fazem parte desse projeto de cadernos de leitura da editora. Disponível em http://www.companhiadasletras.com.br/sala_professor/. Acesso em 06/06/2015.

Esse Caderno traz atividades que orientam para uma abordagem do chamado estilo e linguagem do escritor, aspectos estruturais das narrativas, como personagens, foco narrativo, enredo, apresentando questões comentadas a partir de noções de variação linguística, verossimilhança e intertextualidade, além de traços que seriam caracterizadores da linguagem poética, como sons, ritmos e versos, para identificar, por exemplo, sua presença na prosa. Assinam os textos desse Caderno professores da área de Letras, com formação em estudos lingüísticos e literários, todos de universidades estaduais paulistas, e alguns com experiência na Educação Básica e em cursos de capacitação de língua portuguesa.

Em 2009, a editora publica o segundo caderno, *O universo de Jorge Amado*, com o mesmo subtítulo. Nele não há, dentre os colaboradores, professores da Educação Básica. No texto destinado ao professor, destaca-se que nesse material são abordados “aspectos socioculturais da produção amadiana”, se “analisa a interpretação do Brasil na obra de Jorge Amado”, explorando “temas intimamente relacionados à vida e à obra de Jorge Amado: a construção/divulgação de certa representação do Brasil, as conflituosas e interessantes relações entre arte e política, além da análise de sua visão ímpar de mestiçagem racial/cultural e do sincretismo religioso”.

Em sintonia com as atuais diretrizes nacionais da política educacional, o que reforça, para a editora, a importância dessa empreitada, os editores do Caderno, em texto dirigido aos professores, ressaltam que “esses temas fazem da obra do autor baiano uma excelente porta de entrada para os conteúdos da lei no 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas de todo o país”. (GOLDSTEIN, SCHWARCS, 2009, p. 6). Já no primeiro caderno se anuncia que o segundo tratará da “feição social deste autor, que sempre manteve um diálogo agudo com a realidade de seu tempo”. Prevelem no Caderno *O universo de Jorge Amado* abordagens sobre identidade nacional, mestiçagem e aspectos políticos na trajetória intelectual do escritor, assinados majoritariamente por professores das universidades estaduais paulistas, vinculados aos departamentos de antropologia e sociologia.

Nesse processo de escolarização da literatura amadiana, chama atenção a concepção dos cadernos. A começar pelos títulos – *A literatura de Jorge Amado* e *O*

universo de Jorge Amado –, prevalece uma cisão entre literatura e vida ou literatura e história. Considerando as abordagens propostas, tem-se a visão corrente de que o professor de português trata de aspectos intrínsecos e formais do texto, haja vista o destaque dado ao estudo da linguagem dos romances amadianos, enquanto cabe exclusivamente ao professor da área de humanas abordar aspectos socioculturais nos romances. Ressalte-se que n’*A literatura de Jorge Amado* os autores comentam, ainda que não seja o centro da discussão de todos os textos, questões sociais e culturais que atravessam os romances.

A estratégia da editora, buscando parceria com os professores para o trabalho de formação de leitores, e com vistas à comercialização dos livros, encontra explicação também com Bourdieu (1996), para o qual cabe ao sistema de ensino reproduzir os valores eruditos e culturais das elites, cuidando de disseminar o cânone literário eleito por esse segmento social. Ainda que Jorge Amado não tenha sido incluído no cânone nacional pelo campo erudito, isso não invalida que o mercado editorial recorra ao sistema de ensino, no qual está um agente, o professor, um grande aliado, responsável por validar determinadas produções, uma voz autorizada a respaldá-las. Para Bourdieu (1996), ao reproduzir os valores do campo de produção erudita, a escola contribui para os processos de legitimação da chamada arte culta. O sistema de ensino torna-se instância complementar ao processo de autonomização e consequente institucionalização da arte e da literatura, pois é responsável por instruir e assegurar “os esquemas de percepção e apreciação dos bens simbólicos” (Bourdieu, 2002, p. 117) a serem aceitos e valorizados.¹¹

Ainda com o intuito de conquistar o público, na escola ou fora dela, a Companhia das Letras publica *Essencial Jorge Amado* em 2010, pelo Selo Penguin. Trata-se de uma compilação de trechos de capítulos de alguns romances, reportagens e contos desse escritor, uma espécie de mostruário da obra completa de Jorge Amado, organizada por Alberto da Costa e Silva, que assina a introdução. Para apresentar tal

¹¹ Desse modo, ressalta Bourdieu, a produção literária legitimada pelo campo da produção erudita – no qual se incluem as artes e a literatura –, e divulgada na escola, impõe-se pelo “monopólio do exercício legítimo da violência simbólica”, em busca de legitimidade cultural, e contribui para a institucionalização da literatura erudita, num momento em que o campo artístico e literário alcança um grau máximo de autonomia, no século XIX, com a arte moderna. (Bourdieu, 2002, p. 118).

publicação, o texto do *site* da editora destaca: “Neste texto, novos leitores de Jorge Amado encontrarão informações biográficas, análises e uma visão original sobre a obra de Amado. E os fãs de longa data poderão redescobrir, sob uma nova perspectiva, o trabalho deste que é um de nossos maiores autores”. Ressalta ainda que “Jorge Amado é um verdadeiro clássico das nossas letras”, o escritor mais difundido no exterior, com personagens que ganharam vida “e construíram a imagem de um Brasil mestiço e marcado pelo sincretismo religioso, um país alegre e otimista, sem porém negar as profundas diferenças sociais e os conflitos que marcam a realidade brasileira”.¹² Encontra-se no site o Guia de leitura da edição *Essencial Jorge Amado*, disponível em PDF no *site* para *download*, com algumas perguntas sobre os romances cujos excertos compõem essa publicação.

A publicização dos romances amadianos através desse material certamente está direcionado para um público leitor da escola, particularmente estudantes do Ensino Médio, que prestarão exame vestibular. Desde o ano de 2010, a USP e a UNICAMP incluíram *Capitães da areia* em suas listas de livros a serem lidos.¹³ Chama a atenção a publicação de um artigo assinado por um estudante de graduação da USP, publicado na revista *Litteris*, no ano de 2012, em que o autor, Filipe Santos (2012), comenta a relevância do ensino da literatura de Jorge Amado. Em 2014, o selo Panelinha, também da Companhia das Letras, reeditou o livro *A comida baiana de Jorge Amado ou o livro de cozinha de Pedro Arcaño com as merendas de Dona Flor*, de autoria de Paloma Amado, uma primorosa edição de receitas culinárias com pratos referidos em diversos romances amadianos. A primeira publicação é de 2003, pela Record, que editava os livros do escritor, e é mencionada em alguns textos dos *Cadernos de leitura*.

Não se tem resultados da investida da editora nas escolas, junto aos docentes, na condição de mediadores, visando à conquista de novos leitores das narrativas amadianas. Adiante-se que uma indução altamente programada para consumir o produto Jorge Amado, como faz a editora, não assegura uma ampliação de público leitor. Há que

¹² Disponível em <http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=85010>. Acesso em 07/06/2015.

¹³ Desde então permanece na lista, até o vestibular de 2015. Disponível em http://www.comvest.unicamp.br/noticias/lista_livros2010.html e <http://www.usp.br/imprensa/?p=17629>. Acesso em 06/06/2015.

se considerar as demandas dos jovens estudantes – vivendo em um contexto cultural que esmaece a centralidade do livro na formação intelectual –, bem como as mediações culturais que se interpõem nos processos de recepção, questão tratada por Jesús Martín-Barbero (2001), ao perguntar o que as pessoas fazem com os meios e as mensagens.

Ao se analisar essa investida do meio editorial, deve-se avaliar o contexto contemporâneo, em que a “partilha do sensível” ganha novas configurações (RANCIÈRE, 2009). Em tal contexto, a emergência das plataformas digitais favoreceu a ampliação das práticas artísticas, a presença de novos sujeitos da história e seus lugares, deslocando os exclusivismos atribuídos à atividade artística, ainda segundo Rancière. Desse modo, uma visão do literário cultivada pela modernidade estética, a da arte pela arte, vê-se posta em xeque, tornando questionável o intento de se embalar o produto Jorge Amado como um bem simbólico elitizado, que deva ser usufruído pelos leitores através de roteiros escolares altamente dirigidos.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção de Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CUNHA, Eneida Leal. O ‘sistema literário amadocêntrico’ ou cartas de leitores: como tratá-las? In: *Cadernos do Centro de Pesquisas literárias da PUCRS*. Porto Alegre, vol. 4, nº 1, out/1998.

CUNHA, Eneida Leal. O Projeto dossiê Jorge Amado: intelectuais em diálogo e peculiaridades do trabalho com um acervo de correspondências. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*. Porto Alegre, vol. 2, nº 2, jul/1996.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer (Org.). *Caderno de leituras; a literatura de Jorge Amado: orientações para o trabalho em sala de aula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer, SCHWARCS, Lilia Moritz (Orgs.). *Caderno de leituras; o universo de Jorge Amado: orientações para o trabalho em sala de aula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações*; comunicação, cultura e hegemonia. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

OLIVEIRA, Sayonara Amaral de. Ao ilustríssimo leitor: de prólogos, prefácios e outras páginas avulsas de Jorge Amado. In: MELO, Ana Maria Lisboa de, CORDEIRO, Verbena Maria Rocha (Orgs.). *Literatura, história e memória*: travessias literárias e culturais. Rio de Janeiro: Editora 7letras, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*; estética e política. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2009.

SANTOS, Filipe. Livros na areia: vestibulares, literatura e o ensino de Jorge Amado. Revista *Litteris*. Ano 4, n. 10, set. 2012. Disponível em <http://www.revistaliteris.com.br>. Acesso em 20/06/2015.